

A Escola Unitária de Gramsci e a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani: por uma escola desinteressada

Alessandra Luíse Nienkotter*

Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica das concepções sobre educação de Antonio Gramsci e Demerval Saviani, aproximando brevemente os conceitos de Escola Unitária e Pedagogia Histórico-Crítica, dos respectivos teóricos, objetivando compreender o processo de elaboração de ambas e de que forma são atravessadas por elementos em consonância, tanto pela leitura gramsciana de Saviani quanto pela base materialista dialética dos autores. Para além, objetiva, também, apresentar estes teóricos e suas formulações como possíveis alternativas *desinteressadas* de formação integral, necessárias para a construção de um projeto nacional-popular revolucionário de educação, tendo como horizonte a superação do capitalismo e da formação escolar que responde imediatamente às necessidades do capital.

A pesquisa se limita a explorar a relação de aproximação dos autores, partindo do trabalho de elaboração da teoria pedagógica de Saviani, leitor de Gramsci, portanto, desconsiderando as discussões em torno da crítica às bases marxistas do primeiro. O objetivo, portanto, é explorar de que forma os conceitos de Gramsci ganham forma nas elaborações de Saviani e como podem ser aliadas críticas na construção de uma formação nacional popular de educação.

A concepção de Escola Unitária em Gramsci será apresentada a partir da análise da sistematização sobre a escola, feita no Caderno 12 de 1932¹, dos Cadernos do Cárcere². Para a análise de Saviani, as obras “Escola e democracia” (1981), “Pedagogia

* Licenciada em Pedagogia e mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisadora no grupo Lutas Sociais, Trabalho e Educação (LUTE), coordenado pela Profa. Dra. Mariléia Maria da Silva.

E-mail: aluisenk@gmail.com

¹ Nos estudos gramscianos, os cadernos são referidos com a letra Q seguida da numeração do caderno. Essa forma será utilizada ao longo do trabalho de agora em diante.

² A publicação dos Cadernos do Cárcere, organizada por Carlos Nelson Coutinho, pela editora Civilização Brasileira, é a mais conhecida no Brasil, atualmente. Neste trabalho, será utilizada a tradução do Q 12, de

Histórico-Crítica: Primeiras aproximações” (1989) e “Pedagogia Histórico-Crítica e luta de classe na educação escolar” (2015) serão utilizadas, nas quais o pesquisador descreve o processo de elaboração e consolidação do que conhecemos por Pedagogia Histórico-Crítica, atualmente.

A pesquisa deste trabalho se apresentará em três momentos no texto. Primeiramente, será discutida a concepção de Escola Unitária em Gramsci e seus elementos constitutivos. Em seguida, será discutida a elaboração da Pedagogia Histórico-Crítica por Saviani e o lugar da sua leitura gramsciana dentro da sua teoria da educação. Por fim, será abordado de que forma essas duas elaborações podem contribuir para discutir a atual problemática de avanço da financeirização da educação e da crescente *formação interessada*, pensada para as escolas públicas de Educação Básica brasileiras, como arcabouço crítico e esboço de um projeto nacional-popular de educação para uma escola desinteressada, de acordo com Gramsci.

O projeto de escola de Antonio Gramsci: escola unitária

Antonio Gramsci nasceu no ano de 1891, em Ales, na ilha de Sardenha, Itália. Desde muito cedo, suas condições materiais e de saúde eram extremamente frágeis. Mesmo conseguindo ingressar na faculdade de jornalismo na Universidade de Turim, por sua excelência nos estudos, sua situação financeira não o permitiu concluir o curso e Gramsci, já filiado ao Partido Socialista Italiano (PSI), dedicou sua carreira à militância e escritos políticos em jornais de esquerda e do operariado.

Foi um dos fundadores e líderes do Partido Comunista Italiano (PCI), em 1921, momento de sua vida em que se dedicou à luta contra o ascendente regime fascista de Benito Mussolini (1883-1945), antes, também, membro do Partido Socialista Italiano (PSI). Foi preso no ano de 1926, pela polícia fascista, passando o restante de sua curta vida em cárcere. Com a saúde bastante debilitada, foi concedida liberdade condicional, porém morreu logo depois, aos 46 anos de idade, em 1937.

Grande parte de seus escritos, estudados hoje, foram produzidos dentro da prisão e são conhecidos como os Cadernos do Cárcere. Além dos cadernos, há, ainda, seus ensaios jornalísticos em revistas como *Avanti!*, *L'Ordine Nuovo* e *La Città Futura*, as cartas que escrevia continuamente para sua família, companheiros e companheiras e suas traduções de escritos em alemão e inglês para o italiano. Assim que Gramsci conseguiu permissão para ler e escrever (em cadernos escolares) na prisão, iniciou um longo período de leitura, escrita e sistematização que só foi interrompido quando já não

Maria Margarida Machado, presente no anexo do livro “Intelectuais, educação e escola: um estudo do Caderno 12 de Antonio Gramsci”, de Giovanni Semeraro.

tinha mais condições devido à sua saúde física, já precária, que se deteriorava nas condições de seu cárcere.

Os temas dos seus escritos eram variados dentro de temáticas como política, Estado, cultura, literatura, história e tradução. Segundo Semeraro (2021), Gramsci possuía um modo de escrever “em espiral”, o que o italiano afirmava ser seu “ritmo de pensamento em movimento”: escrevendo e sempre retornando para modificar, subtrair ou fundir seus escritos, na tentativa de continuamente refinar suas argumentações. Firmemente ancorado no método de Marx e Engels, o materialismo histórico dialético, o qual ele chamava em seus cadernos de *filosofia da práxis*, Gramsci, além de um importante e histórico militante político, foi um profícuo teórico, principalmente considerando as condições e limitações impostas em sua prisão.

Seus escritos sobre educação atravessam alguns cadernos numerados³, como o 4, 5 e 6, mas se concentram de forma mais elaborada no Q 12, no qual Gramsci aprofunda sua categoria de intelectuais e articula com a importância da educação em uma *nova sociedade* na formação de *novos intelectuais, dirigentes políticos*, sujeitos de intelectualidade e moral autônomas e maduras, capazes de conduzir um projeto nacional-popular de sociedade. Por nova sociedade e um novo intelectual, entende-se uma sociedade socialista construída por intelectuais socialistas.

Gramsci demonstrava grande interesse nas discussões sobre a educação do início do século XX, escrevendo, em diversos momentos, críticas à reforma educacional do ministro da Educação da ditadura fascista de Mussolini, Giovanni Gentile (1875-1945), além de comentários e críticas sobre as tendências educacionais do momento, como a Escola Ativa e as ideias de John Dewey (1859-1952), nos Estados Unidos. Além disso, suas cartas também contêm importantes elementos de seu pensamento que são analisados até hoje, conforme foram sendo liberadas e traduzidas. Ele também escrevia constantemente à sua mulher - Giulia Schucht (1896-1980) -, perguntando sobre a disciplina escolar de seus filhos, Delio (1924-1982) e Giuliano (1926-2007), ainda muito pequenos no período em que foi capturado e encarcerado (Gramsci não chegou a conhecer Giuliano, que ainda não havia nascido no momento de sua prisão), que moravam em Moscou com a mãe. Analisando as cartas aos filhos de Gramsci enviadas por ele em seu cárcere, Gomes (2018, p. 03) afirma:

A preocupação de Gramsci com o desenvolvimento integral dos seus filhos remete a uma concepção de educação como formação integral do homem e que visa tanto o desenvolvimento das habilidades físico-motoras como das

³ Com base na organização da edição crítica de Valentino Gerratana.

habilidades intelectuais. Princípio educativo que é central em todo o pensamento educacional gramsciano e que permeia os debates sobre espontaneísmo e coerção, direção e autoridade, entre outros.

Com o propósito de analisar sua concepção de escola unitária, utiliza-se neste trabalho a leitura do Q 12, no qual que ele objetivamente configura seu projeto de formação integral, conforme já mencionado. Nele, Gramsci inicia sua concepção de escola unitária partindo da crítica às escolas daquele momento, segundo ele, divididas por classes sociais. A ideia de escola unitária vem justamente da proposição de ser uma escola única, sem divisões entre grupos sociais, pois “[...] Também os filhos dos proletários devem ter diante de si todas as possibilidades” (GRAMSCI, 2021, p. 222). Para este fim, de acordo com o autor, é estritamente necessário que a formação dessas gerações seja pública, não privada, requerendo que o Estado assuma as despesas, ampliando e complexificando o Ministério da Educação, não deixando a cargo da família, de forma que todas as crianças e jovens acessem a mesma educação e formação.

Gramsci ainda afirma que o número de professores e professoras na escola unitária deveria aumentar consideravelmente, pois acredita que a qualidade da educação oferecida está relacionada com uma relação menor entre professores e alunos. Ele exemplifica o que acredita ser indispensável na estrutura física: dormitórios, refeitórios, bibliotecas especializadas e inúmeras salas de estudo, ou o que ele chama de *escola-colégio*. Segundo o autor, a organização da escola unitária implicava em uma rotina de

[...] vida diurna e noturna, libertada das atuais formas de disciplina hipócrita e mecânica, e o estudo deveria ser feito coletivamente, com a assistência dos professores e dos melhores alunos, mesmo nas horas de aplicação chamada de individual etc (GRAMSCI, 2021, p. 221).

Em paralelo à escola unitária, deveria desenvolver-se uma rede integrada de instituições desde a infância para que as crianças fossem “[...] acostumadas a uma certa disciplina coletiva e adquiram noções e aptidões pré-escolares” (GRAMSCI, 2021, p. 221). A escola unitária, portanto, corresponde ao ensino fundamental até o médio, indo dos 06 aos 16 anos.

Gramsci demonstrava, ainda, preocupação com a ruptura entre os níveis escolares, em especial entre o liceu (ensino médio) e a universidade. Elementos os quais ele chamou de *autodisciplina intelectual* e *autonomia moral*, necessárias para os estudos em nível superior, que não eram trabalhadas nos jovens do ensino médio, deficiência

essa que fazia com que os jovens não amadurecessem as habilidades necessárias, nem para os estudos universitários, nem para sua profissionalização. Em vez disso, no liceu, tinha-se o ensino dogmático, autoritário e relegado à memorização mecânica.

É por isso que na escola unitária a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva na qual há uma tendência a criar os valores fundamentais do “humanismo”, a autodisciplina intelectual e autonomia moral necessárias para uma posterior especialização seja de natureza científica (estudos universitários) ou de natureza imediatamente prático-produtiva (indústria, burocracia, organização do comércio etc.) (GRAMSCI, 2021, p. 222).

Uma escola de ensino integral e humanista, que desenvolva plenamente os sujeitos em sua individualidade e também em sua capacidade de serem novos intelectuais de uma *nova sociedade*, de terem a autodisciplina intelectual e a autonomia moral para, independente do caminho que cada jovem trilhará após a conclusão da escola (especializações ou trabalho prático - produtivo), tenham iniciativa, autonomia, criatividade e disciplina, tendo consciência política de serem dirigentes em coletivo de uma sociedade recriada sob bases democráticas. Uma escola ligada à vida que, segundo Gramsci (2021), só pode existir a partir da participação verdadeiramente ativa do aluno na escola.

A escola unitária, portanto, não é unitária “apenas” por ser uma escola única para todas as crianças e jovens de uma sociedade, sem distinção entre classes: é também unitária, pois pretende, segundo Semeraro (2021), ser uma integração, entre trabalho intelectual, industrial e manual, entre produção, ciência, vida e cultura, cidade e campo.

As aproximações da pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani

Demerval Saviani nasceu em Santo Antônio de Posse, São Paulo, em 1943, apenas seis anos após a morte de Antonio Gramsci, na Itália. Iniciou seus estudos em um seminário, deixando-o para continuar a graduação iniciada em Filosofia, agora na PUC, na capital paulista. Atuou no magistério desde os anos de 1960 e aposentou-se como professor universitário da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde, atualmente, permanece como professor colaborador.

A PHC⁴ é desenvolvida por Saviani no final dos anos 1970 como resposta à necessidade da existência de uma pedagogia crítica alternativa à pedagogia então dominante, no auge das teorias críticas sobre educação, nascentes das teorias

⁴ Utilizar-se-á, a partir de agora, PHC para se referir à Pedagogia Histórico-Crítica.

reprodutivistas de Bourdieu e Passeron, Althusser, Baudelot e Establet. Suas assimilações no Brasil foram rápidas neste fim de década, principalmente como formas de resistências críticas à ditadura cívico-empresarial-militar (1969-1982). Justamente pela objetividade dessa assimilação, Saviani (2014) afirma que as teorias reprodutivistas passaram a enfraquecer neste terreno, pois não havia nelas propostas alternativas à ordem vigente.

É nesse momento histórico de necessidade de uma teoria que apresentasse, objetivamente, uma alternativa de educação, que se dá o nascimento das primeiras ideias da PHC, no I Congresso Brasileiro de Educação (CBE), em 1980, de acordo com Saviani, em sua obra intitulada “Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações”, de 1981. O Congresso trouxe muitos debates em busca de alternativas, de oposição e de enfrentamento. Neste período, o regime militar desgastava-se em diversas regiões do país e a perspectiva de liberdade para políticas alternativas parecia mais palpável. Após o Congresso e as inúmeras produções derivadas dele, Saviani começa a esboçar a sua *pedagogia revolucionária* que, ao longo do processo de desenvolvimento, foi *pedagogia dialética* até chegar na denominação *histórico-crítica*. Sobre a definição da denominação da pedagogia, Saviani (2011, p. 119) comenta:

Na busca da terminologia adequada, concluí que a expressão histórico-crítica traduzia de modo pertinente o que estava sendo pensado. Porque exatamente o problema das teorias crítico-reprodutivistas era a falta de enraizamento histórico, isto é, a apreensão do movimento histórico que se desenvolve dialeticamente em suas contradições. A questão em causa era exatamente dar conta desse movimento e ver como a pedagogia se inseria no processo da sociedade e de suas transformações. Então, a expressão histórico-crítica, de certa forma, contrapunha-se a crítico – reprodutivista.

Em sua obra *Escola e Democracia*, publicada pela primeira vez em 1983, Saviani aprofunda mais alguns aspectos do contexto da construção da PHC, que se dá a partir da superação das pedagogias crítico-reprodutivistas e em contrapartida às ideias escolanovistas⁵ que se opunham à escola conhecida como tradicional. Segundo o filósofo, a teoria reprodutivista não abarcava em si uma alternativa, pois em sua essência a escola sempre seria reprodução da sociedade em que se insere, não havendo espaço para contradições. Já as pedagogias “novas”, derivadas das ideias da Escola Nova, esvaziava os conteúdos escolares na tentativa de criticar a cientificidade dogmática da

⁵ Referente ao movimento Escola Nova, surgido no século XIX e que pretendia a renovação do ensino. O movimento ganhou força na década de 1930, no Brasil, após a publicação do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”.

pedagogia tradicional, trocando ensino por pesquisa e relegando o papel do professor a mero mediador de um processo centralizado totalmente na criança. Já neste momento, Saviani (1983) afirma, em três teses no capítulo que ele intitula de “Teoria da Curvatura da Vara”⁶, que o ensino não é pesquisa e tampouco deve possuir um caráter anticientífico. Também, afirma ser a disciplina o elemento tido como tradicional e superado pelos “novos métodos”, um aspecto importante no processo de ensino-aprendizagem, elemento que também atravessa as considerações de Gramsci sobre educação, como dito anteriormente. Para ele, uma pedagogia crítica com caráter revolucionário deveria, por pressuposto, conter

[...] a valorização dos conteúdos que apontam para uma pedagogia revolucionária; pedagogia revolucionária esta que identifica as propostas burguesas como elementos de recomposição de mecanismos hegemônicos e se dispõe a luta concretamente contra a recomposição desses mecanismos de hegemonia, no sentido de abrir espaço para as forças emergentes da sociedade, para as forças populares, para que a escola se insira no processo mais amplo de construção de uma nova sociedade (SAVIANI, 1999, p. 68).

Portanto, para Saviani, era necessária uma pedagogia crítica, mas que, entretanto, tivesse seu fundamento na história e no seu movimento dialético. Fica evidente a base marxista da qual parte o educador para pensar sua teoria da educação, na qual o materialismo histórico dialético ou a filosofia da práxis, para Gramsci, são centrais e basilares, enraizando a escola no movimento do real, da história, em que os alunos e alunas não são meros espectadores, mas produtores da vida.

A PHC tem em Karl Marx e Antonio Gramsci suas inspirações principais, como aponta Saviani em algumas de suas obras. Em seu livro, intitulado “Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar” (2015), o autor afirma que em “Contribuição à crítica da economia política”, de Karl Marx, publicado pela primeira vez em 1859, pode compreender a concepção dialética da ciência e o movimento da síntese à síntese (do caos à rica totalidade de determinações e relações numerosas). É a partir da leitura de Marx que Saviani começa a delinear seu próprio método de apropriação do conhecimento na relação ensino-aprendizagem.

Saviani (2015) afirma ter iniciado as leituras das obras de Gramsci na década de 1970, momento em que o autor de fato foi muito lido e incorporado por diversos intelectuais e dirigentes políticos de esquerda do país. Na mesma obra, declara que a

⁶ Referente à expressão usada por Vladimir Ilitch Lênin, ao ser questionado pelo seu posicionamento extremista radical.

leitura de Gramsci alimentou suas análises pedagógicas, revelando acreditar que o italiano foi quem mais avançou nas questões escolares na teoria marxista até então. Em suas leituras gramscianas, viu também na categoria de *catarse* a possibilidade de exprimir um passo fundamental na sua nascente metodologia em cinco passos. Essa categoria viria a ser incorporada no método de ensino-aprendizagem da PHC.

A referida metodologia elaborada por Saviani compõe cinco passos, sendo eles a prática social, seguido da problematização, instrumentalização, *catarse* e fechando com a prática social final. Nos interessa, neste trabalho, o quarto passo, apropriação direta da categoria de Gramsci. Sobre sua definição, escreve o sardo no Q 10⁷:

Pode-se empregar a expressão ‘*catarse*’ para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoísta passional) ao momento ético-político, isto é, à elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens.

Saviani (2015) afirma ser a *catarse* o ponto culminante dos cinco passos, quando a instrumentalização cultural do aluno e da aluna se torna elemento ativo de transformação da prática social, culminando no último passo da metodologia, quando há a ascensão ao nível sintético, ou seja, quando os alunos conseguem chegar ao momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social.

Além disso, o autor inspirou-se nas reflexões de Gramsci sobre os estudos clássicos de latim e grego na Itália para pensar em uma escola em que possuísse seu princípio educativo guiado pela história⁸, além de conversar com o conceito de *segunda natureza*⁹ e a própria escola unitária.

A finalidade da PHC, segundo seu idealizador, é a transformação da sociedade; não a sua conformação e nem voltada aos interesses do movimento do capital, mas, sim, a formação de uma intelectualidade capaz de protagonizar esta transformação, dirigi-la e orientá-la. Portanto, para tal fim, é fundamental o acesso aos conteúdos e saberes presentes no trabalho educativo, que “[...] é o ato de produzir, direta e

⁷ Consulta de verbete em LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). Dicionário gramsciano (1926-1937). 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. 831p.

⁸ Gramsci discorre sobre o velho princípio educativo, com base no ideal humanista, para pensar em um novo princípio educativo, em consonância com a Itália contemporânea. Saviani faz o mesmo ao pensar um novo princípio educativo para a PHC.

⁹ Se remete à ideia de natureza humana, o conjunto das relações sociais de uma consciência historicamente definida, logo, a segunda natureza seria o que o indivíduo de posse de uma instrumentalização intelectual desenvolve.

intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2003, p. 13). O acesso e o domínio dos conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo da história pela classe trabalhadora, é, então, fator fundamental para a emancipação e apropriação das ferramentas da classe dominante.

Por uma escola desinteressada

É necessário uma escola desinteressada. Uma escola na qual seja dada à criança a possibilidade de se formar, tornar-se homem, de adquirir critérios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter [...] uma escola que não hipoteque o futuro da criança obrigando a sua vontade, a sua inteligência, a sua consciência em formação a andar dentro de uma bitola com estação já marcada. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola mecânica e de escravidão. Também os filhos dos proletários devem ter diante de si todas as possibilidades.
Antonio Gramsci, 1932.

Em um dos seus escritos pré-carcerários, de 1916¹⁰, o sardo afirma que a escola italiana do início do século XX deturpava a ideia de escola do trabalho dos socialistas, entregando o que, na verdade, era uma *escola do emprego*. De acordo com Semeraro (2021), a escola, para Gramsci, é responsabilidade de um Estado efetivamente democrático e deve preparar cada cidadão não para ser conformado no sistema vigente, mas para dirigir coletivamente a própria sociedade.

Em Saviani, encontramos a crítica à Escola Nova e às pedagogias hegemônicas já citadas anteriormente em seus trabalhos iniciais e no processo de desenvolvimento da PHC. Indo além, sua crítica ao neotecnicismo na educação brasileira está em plena conformidade com a crítica à escola, interessada por Gramsci, ambos partindo, inicialmente, da crítica à escola da sociedade de classes e cada vez mais conduzida pela burguesia. Em seu livro de grande circulação, “História das ideias pedagógicas” (2013), o autor traz a ideia de *pedagogia da exclusão*, resultado da crise do capitalismo na década de 1970 e que abriu caminho para o modo de produção toyotista¹¹ que, segundo Saviani, tomou a forma do neoprodutivismo e do neotecnicismo na década de 1990, no Brasil, momento em que se intensifica fortemente a mercadorização da educação. Para ele, a pedagogia da exclusão

¹⁰ “Homens ou máquinas?”, publicado em 1916, no jornal *Avanti!* Trecho retirado de Semeraro, 2021, p. 66.

¹¹ “O sistema toyotista emergiu dos experimentos na empresa Toyota, empreendidos entre 1947 e o início dos anos 1970, no Japão, por Kiichiro Toyoda e Taichii Ohno” (ANTUNES; PINTO, 2014, p. 65).

Trata-se de preparar os indivíduos para mediante sucessivos cursos dos mais diferentes tipos, se tornarem cada vez mais empregáveis, visando a escapar da condição de excluídos. E, caso não o consigam, a pedagogia da exclusão lhes terá ensinado a introjetar a responsabilidade por essa condição (SAVIANI, 2017, p. 431).

O uso da expressão *escola desinteressada*, por Gramsci, segundo Saviani (2018), nasce de sua crítica às tendências das pedagogias ativas de meados do século XX, que afirmavam pretender uma escola *desinteressada e formativa* que, para o italiano, na verdade, era uma escola que havia se separado da vida e se tornado mera formação especializada profissionalizante. Sua ideia de formação era aquela cultural, que emanciparia os jovens intelectualmente e moralmente, de forma a estarem autônomos para a prática e para a atividade social (ideias presentes no quinto passo do método de Saviani). Para isso, era fundamental a autonomia intelectual e moral dos educandos e educandas e a prática orientada pelo princípio educativo guiado pelo trabalho, a partir da concepção de trabalho em Marx, como atividade na qual o ser humano utiliza sua força para modificar a natureza e, assim, produzir sua subsistência. Para Saviani (2015, p. 23), “Nesse sentido, o produto do trabalho é a realização efetiva do sujeito, é a transformação da atividade do sujeito em um objeto social”.

Portanto, podemos compreender uma escola que possua um desinteresse imediato em uma formação condicionada a uma sociedade que, sistematicamente, exclui as classes subalternas e, ao mesmo tempo, expropria seu trabalho para a geração de riquezas para a classe dominante. A escola, então, torna-se interessada em uma formação única, sem exclusão, que seja o espaço de desenvolvimento humano a partir da história e que instrumentaliza os educandos e as educandas a partir do conhecimento, da cultura, da disciplina e da capacidade de dirigir uma sociedade de bases democráticas.

Uma escola interessada e ligada à vida e ao trabalho, não ao capital e por emprego, que ao mesmo tempo em que forma os indivíduos para o coletivo os valorize e os conduza na sua formação individual para a criatividade, a autonomia, ao aprimoramento físico e intelectual. Para Gramsci (2021, p. 224), a realização dessa escola significa o “[...] início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial não apenas na escola, mas em toda vida social”.

Considerações finais

Para finalizar esse trabalho, é importante refletir que ambos os autores pensam sobre a educação em sua dimensão política pela luta de classes, elemento central do pensamento marxista, e na luta pela superação do sistema capitalista. Todavia, a escola, dentro do mesmo pensamento, não é a *via principal da revolução ou transformação da sociedade*, mas, sim, um aparelho importante na formação e na emancipação política da classe trabalhadora. Tanto Gramsci quanto Saviani compreendem, portanto, a importância de conquistas políticas, mesmo *dentro* do Estado capitalista, visto que entendem, em pensamento dialético, o grande campo de contradições que se encontra na escola pública.

É necessário, porém, atribuir à Gramsci seu valor revolucionário. Mesmo compreendendo as conquistas em um possível processo de transição, Gramsci entendia a escola unitária dentro de um processo socialista de sociedade, ou seja, rumo ao comunismo. Sua finalidade não era, portanto, garantir uma escola *possível* dentro da sociedade de classes capitalista, mas, sim, a construção de um projeto nacional de escola socialista. A escola unitária é a negação da escola de classes. Para além, a finalidade de toda a sua produção teórica e de luta, que culminou na sua prisão e consequente morte, foi a revolução socialista. Gramsci, amparado em suas leituras e reflexões sobre a prática de Lênin, compreendeu que teoria e prática eram necessárias em qualquer processo revolucionário, pois constituem a *práxis* revolucionária. Portanto, o trabalho de Gramsci não pode ser visto em sua plenitude se analisado apenas por seus escritos políticos. Lutando pelo socialismo na Itália do século XX, Gramsci lutava também pela escola unitária.

Saviani, mesmo vendo o fim na revolução que Gramsci também acreditava, não aparenta possuir uma leitura imediatamente revolucionária do italiano, mas o resgata na sua importância teórica na PHC. Tal leitura gera controversas críticas no campo marxista. Entretanto, não podemos (nem devemos) esquecer que o trabalho teórico, desse que é um dos maiores filósofos da educação brasileira, tem uma significativa importância em nossa história da educação, assim como seu lugar na crítica da crescente precarização da educação pública, cada vez mais sendo *interessada* ao capital nacional e mundial, além de ser membro fundador de diversas entidades de amparo e defesa da educação pública, como a Associação Nacional de Educação (ANDE), a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e o Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES).

Para Marx, “A arma da crítica não pode, é claro, substituir a crítica da arma, o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas a teoria também se torna força material quando se apodera das massas” (2010, p.151). Resgatando essa ideia marxiana, podemos pensar que mesmo que a escola unitária ou a PHC não sejam um fim, nem a via revolucionária primeira, podem fazer parte de um projeto de uma nova sociedade, uma sociedade em que a educação não seja imediatamente interessada ao capital, que não a torne mera mercadoria subordinada à lógica do mercado.

Portanto, a partir dos elementos da escola unitária e PHC discutidos neste trabalho, acredita-se que ambas as concepções devem fazer parte de um arcabouço crítico e esboço para a construção de um projeto nacional-popular revolucionário de educação *desinteressada* pelo capital, que nos oriente na *práxis* que poderá levar, ao fim, à emancipação humana.

Referências

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. **A fábrica da educação**: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

GOMES, Jarbas Mauricio. Gramsci educador: uma leitura das cartas a Delio e Giuliano (1929-1937). **Itinerarius Reflectionis**, v. 14, 2018, p. 01-22.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 12 (XXIX): Apontamentos e notas esparsas para um grupo de ensaios sobre a história dos intelectuais. Tradução de Maria Margarida Machado. In: SEMERARO, Giovani. **Intelectuais, educação e escola**: um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Org.). **Dicionário gramsciano** (1926-1937).1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32.ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. **Psicologia escolar e educacional**, v. 21, 2017, p. 653-662.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SEMERARO, Giovani. **Intelectuais, educação e escola**: um estudo do caderno 12 de Antonio Gramsci. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.